A campanha por direitos sindicais na fábrica Jassic

Leave a Comment / Mundo / By mainsteadmin

Jenny Chan*

No dia 27 de julho de 2018, 30 manifestantes de Shenzhen, sendo 29 trabalhadores da empresa Jassic Technology e uma estudante universitária, foram presos pela polícia. Shen Mengyu, a recém-formada que se solidarizou com os trabalhadores na protesta, está, desde então, completamente isolada dos meios de comunicação. Recentemente, o cerco fechou em torno do Zhongshi Zhongxin, que significa, no pé da letra, Centro dos Trabalhadores Migrantes, entidade que fornece serviços jurídicos gratuitos e outros auxílios a trabalhadores migrantes chineses nas cidades industriais de Shenzhen, desde 2005[1]. Sua equipe, alego-se, estava ligada aos protestos de Jassic. Segundo a imprensa estatal, o conflito fundamental deu-se pelas "ações ilegais e violentas" dos trabalhadores demitidos da Jassic,[2] e pela instigação de uma "organização legal não-registrada".[3] Ao contrário dessas afirmações do governo chinês, argumentamos que a problema central foram as flagrantes violações de direitos e interesses dos trabalhadores, tanto pelo empregador da Jassic quanto pelo governo – incluindo a única central sindical oficial do país, a Federação de Sindicatos da China (FSC).

No início de maio, vários trabalhadores da Jassic relataram a uma agência de assuntos trabalhistas a imposição arbitrária de multas punitivas e horas trabalhadas em excesso. Em outubro, a empresa, bem como pagamentos incompletos do fundo habitacional,[4] Frente à situação, alguns dirigentes sindicais distritais aconselharam salvaguarda em conformidade com a lei. De acordo com a lei sindical chinesa, todas as tipos de empresas com 25 funcionários ou mais devem ter "comitês sindicais de nível básico" no chão de fábrica (Artigo 10). Um sindicato de empresa deve ser aprovado pelo sindicato do nível imediatamente acima (Artigo 11).

Um dos principais objetivos sociopolíticos da FSC é impedir o desenvolvimento de sindicatos independentes fora do regime unipartidário. Apesar do salto da central sindical chinesa desde os anos 1990, quando as greves e protestos operários estavam dispersos, mas cresciam por todo o país, apenas 33% das 480.000 empresas de capital estrangeiro, e menos de 30% das empresas privadas tinham criado sindicatos até meados de 2005.[5] Com a intensificação da organização das oficinas das empresas provinciais, Guangdong pretendia "ver sindicatos em 60% das empresas de investimento estrangeiro" até o final de 2006, e "em todas as empresas financiadas pelos 500 maiores multinacionais do mundo", até 2007.[6] Em dezembro de 2009, "haviam estabelecidos sindicatos em 93% das empresas da Fortune 500 que operam na China", incluindo gigantes como a Foxconn e a Walmart.[7] Até o final de 2011, havia 2,8 milhões de sindicatos em empresas com mais de 302 milhões de filiados em todo o país, tornando a China a maior força de trabalho sindicalizada do mundo.[8]

Organização sindical na Jassic

A Jassic Technology Company, fundada em 2005 e listada na Bolsa de Valores de Shenzhen em 2011, é bem conhecida como especialista na indústria de soldagem e uma das 500 principais empresas de Guangdong.[9] Fato menos conhecido é que a Jassic não chegou a estabelecer um sindicato desde a sua abertura, há 14 anos. Tudo indica que a diretoria da Jassic não evita sua responsabilidade de facilitar aos trabalhadores de participarem de consultas coletivas sobre questões de salários, horário de trabalho, saúde e benefícios sociais. Apenas em maio de 2019 a empresa afirmou que começou a "estabelecer um sindicato de maneira ordenada". Devia que essa guinada foi uma resposta estratégica aos desafios trabalhistas, sem precedentes, vindos da base.

As lideranças dos trabalhadores da Jassic, com apoio e confiança dos colegas de trabalho, sem tardar juntaram 88 assinaturas, em uma fábrica de 1.000 funcionários, para o pedido de associação ao sindicato. Nesta oitava, os autoridades retiraram seu "apoio verbal" inicial à sindicalização dos trabalhadores. Em lugar disso, reconheceram apenas a iniciativa da gerência, que também apresentou sua intenção de "estabelecer um sindicato de acordo com a lei". A relação entre a gerência da Jassic e o governo não poderia ser mais próxima, como revelou o duro luta operária por direitos sindicais na fábrica.

Reprimindo as iniciativas dos trabalhadores, no início de agosto de 2019, a Jassic assumiu o controle total da organização sindical. Os candidatos nomeados pelos operários foram todos excluídos do novo sindicato. Os trabalhadores, nesta vez, não ganharam nenhuma concessão sobre seus salários e benefícios sociais. Por ainda, acusados de "se sindicalizar ilegalmente", os organizadores acabaram demitidos e agredidos por agentes de segurança da empresa e pela polícia local. Yu Juncong, Liu Penghua, Mi Jiuqing e Li Zhan foram acusados pela crime de "criar uma aglomeração para perturbar a ordem social". Seus familiares e o advogado que os representa sofreram repetidas ameaças.

Tim Pringle, ao avaliar o futuro das relações sindicais chinesas à luz do crescente agitação dos trabalhadores, enfatiza a necessidade não apenas de "dirigentes e presidentes de sindicatos que respondam mais à base", mas também de "mais relações de apoio, mais interativas e, de vezes, executivas entre a cúpula dos centrais sindicais e os dirigentes nos sindicatos de base".[10] Notável por sua ausência, Wang Dongming, presidente da Federação Sindical Chinesa, a partir do sede em Pequim, efetivamente endossou a perseguição e a retaliação da Jassic contra seus funcionários, em particular os que lutaram pela criação de um sindicato representativo.

Relações de Trabalho Conteniciosas

A luta trabalhista pelos direitos econômicos e políticos (exigindo, por exemplo, eleições sindicais), vem atrando cada vez mais atenção do governo. Tão o presidente Xi Jinping, o Estado continua buscando mecanismos para resolver conflitos trabalhistas e administrar o descontentamento social. Diversas vozes, protestos de trabalhadores que chamam atenção pública são resolvidos através da mediação direta do governo para restaurar o "harmonia social". De fato, as autoridades desenvolveram habilmente uma ampla variedade de técnicas de "desarção de protestos", para resolver disputas trabalhistas no próprio local de trabalho. Isso inclui reduzir a expectativa "realista" de reivindicações por compensações, pressionar a gerência a fazer algumas concessões econômicas aos trabalhadores adversamente afetados, e, ao mesmo tempo, manipular as relações familiares e sociais dos trabalhadores para silenciar a resistência. A solidariedade dos trabalhadores, com frequência, dissipa-se quando os líderes são intimidados, presos ou comprados.[11]

Ao longo das greves, funcionários e executivos corporativos conversaram, em conjunto, ferramentas multifacetadas para monitorar as condições de trabalho, ou apenas para reprimir. Exemplo bem documentado ocorreu em uma montadora da Honda, no qual Kong Xiangfong, vice-presidente da Federação dos Sindicatos de Guangdong, pessoalmente presidiu a eleição dos representantes sindicais da chão de fábrica e a convenção coletiva sobre os salários, em 2011. Muitos trabalhadores ficaram frustrados, no entanto, quando o desmoralizado presidente do sindicato da fábrica permaneceu em seu lugar em um sistema de eleições supervisionadas pelo partido reformado, que incluía dois vice-presidentes "eleitos", que são gerentes do alto escalão, refletindo o contínuo controle gerencial. Além disso, embora a empresa tenha sido forçada a ceder na importante questão dos salários, sob pressão do sindicato provincial, em nome da restauração da "paz industrial", ela foi capaz de ignorar todas as outras cento e tantas reivindicações dos trabalhadores, incluindo direitos das mulheres e melhorias nos benefícios sociais (entre elas, licença maternidade remunerada, a intervalo de uma hora para a refeição). Como consequência, o comitê sindical perdeu prestígio entre os trabalhadores da base.[12]

Ao "comprar estabilidade", distribuindo "pagamentos em dinheiro ou outros benefícios materiais em troca de conformidade", o governo mínou uma reforma mais ampla, assim como o crescimento da mobilização dos trabalhadores que buscavam influenciar as políticas públicas.[13] Ao mesmo tempo, intensa coerção foi usada pela Estado em disputas trabalhistas e eclisão social. A intervenção de cima para baixo nos sistemas de litígio e arbitragem é lugar comum. Ao lidar com ações coletivas, as juízes insistem em registrar as casos individualmente para fragmentar e isolar os autores das queixas.[14]

O uso extensivo, pelas autoridades chinesas, de seu poder discricionário para resolver grandes crises laborais, em vez de permitir que os trabalhadores exerçam direitos fundamentais à liberdade de associação, pode prevalecer na evolução estratégia política de longo prazo, sobretudo quando os direitos e interesses básicos dos trabalhadores são violados de forma rotineira.

Aliança Operário-Estudantil

Durante o final do século XIX e início do século XX, estudantes e intelectuais tiveram um papel crítico no surgimento do movimento operário chinês. Hoje, em uma economia profundamente mercantilizada sob os auspícios do partido-Estado, os estudantes universitários e trabalhadores envolvidos na mobilização da Jassic também revelam elevada consciência social.

A partir de julho de 2019, acadêmicos[15], e ativistas, em uma ampla coalizão de organizações por direitos trabalhistas,[16] participaram em dia e noite, em grupos chinês pela cultura dos trabalhadores detidos da Jassic e seus apoiadores. Também observa-se concretamente, entre os estudantes da China continental, o surgimento de uma rede dinâmica, envolvendo mais de 20 universidades, em apoio aos trabalhadores da Jassic e seus familiares. O chamado Grupo de Apoio aos Trabalhadores da Jassic criou uma conta de e-mail (jiashizhengyuanhuanghq@gmail.com), uma plataforma de mídia social (twitter.com/jassicworker) e um site ("jiashizhengyuan.github.") para mobilizar o apoio público, enquanto lutavam contra a censura e a vigilância na internet. Em uma foto, 42 jovens estudantes e recém-formados usam camisetas brancas com a slogan "Ai, ainda se a força" em vermelho.

Através da educação experiencial e em projetos de pesquisa social participativa, cada vez mais estudantes universitários passaram a conviver com trabalhadores mal remunerados da limpeza e das cantinas dos campi, operários da construção civil e mineiros com pneumoconiose fatal, camponeses despejados que perdem suas casas e terras e migrantes rurais que vivem nas margens das cidades. Alguns aprisam por trabalhar na linha de montagem para entender melhor o processo transnacional por detrás da produção do iPhone.[17] Outros uniram-se para lançar um blog no estilo da campanha #MeToo, para compartilhar histórias de assédio sexual e outras formas de violência de gênero, na universidade e na sociedade em geral. Apesar das origens socioeconômicas diversas, os estudantes ativistas reuniram-se para refletir sobre as fontes das persistentes desigualdades e injustiças. Eles aspiram à igualdade, amor e liberdade. Leem e debatem as obras clássicas de Karl Marx, Vladimir Lênin, Mao Tse-Tung e Lu Xun, entre muitos autros.

Após a repressão de 27 de julho, o Grupo de Apoio aos Trabalhadores da Jassic, composto por estudantes de vários universidades, dirigiu-se às autoridades, fazendo uma chamada aberta e conquistando as manchetes de jornais locais e internacionais: "Devolvam nossos camaradas; devolvam nossos operários!" Os estudantes publicaram blogs, fotos, vídeos e poemas para mobilizar apoio urgente à liberdade dos operários ativistas e colegas de universidade. Em 24 de agosto, na cidade de Huizhou, perto de Shenzhen, a tropa de choque invadiu um apartamento alugado e prendeu cerca de 50 apoiadores da Jassic, incluindo estudantes e trabalhadores.

Yue Xin, 22, recém-formada na Universidade de Pequim em línguas estrangeiras, acabou desaparecida após a batida policial. Não há nenhuma notícia disponível sobre seu paradero até o momento.

Li Tong, cursando o último ano da faculdade e membro da Sociedade Marxista da Universidade de Renquiim, está em prisão domiciliar.

Hu Honghi, cursando o último ano da faculdade de jornalismo e membro da Sociedade Marxista da Universidade de Renquiim ficou em prisão domiciliar por 48 dias. Acabou solto, por sorte, em 11 de outubro, mas continuou monitorado de perto pela polícia. Mesmo sob grande pressão dos pais e de superiores da universidade, ela persista, proclamando, "errattir calor e luz, como um vagar turne, que brilha no escuro".

Até agora, apoiadores tais como Xu Jiayue (formado pela Universidade de Pequim), Zhang Shengye (formado pela Universidade de Pequim), Wu Jiawei (diplomado pela Universidade Renmin), Xu Zhongfang (da Universidade de Ciência e Tecnologia de Pequim), Yang Shaoqing (Universidade de Ciência e Tecnologia de Pequim), e outros não nomeados, foram detidos ou colocados em prisão domiciliar pelas "equipes abrangentes de administração social" dirigidas por autoridades em diferentes níveis.

Estudantes que foram "soltos" testemunharam ameaças de investigações e ações disciplinares, caso não abandonassem suas atividades. Suas liberdades, incluindo o uso do aplicativo de mensagens chinês WeChat e outras ferramentas de comunicação, foram significativamente restringidas.

O ataque às Organizações Estudantis

Ao iniciar um novo semestre acadêmico em setembro, as autoridades da universidade analisaram os registros, composição e objetivos organizacionais das sociedades marxistas e grupos de estudos maoistas da universidade de Pequim, Universidade de Ciência e Tecnologia de Pequim, Universidade Renmin e Universidade de Nanquim, para citar apenas alguma. A simples varredura nas associações estudantis de esquerda mostra a intolerância das autoridades com a nascente aliança operário-estudantil, uma inegável força de mudança social progressista.[18]

Qimin Xuehe, um grupo de estudos marxista existente há seis anos na Universidade de Ciência e Tecnologia de Pequim, estava prestes a fechar permanentemente a partir de 12 de outubro de 2019. A militância estudantil foi pressionada pelo comitê do partido na universidade a encerrar suas mobilizações. O resultado, no entanto, não será um silêncio mortal. Certamente, os jovens, um ativista estudantil garantiu que "o corpo" de sua organização poderia ser destruído pela cassação de registro nas mãos dos burocratas da universidade, sob as recém-alteradas "Regras de Administração das Sociedades Estudantis". Mas "o espírito" da busca por justiça social pelo grupo estudantil não morrerá.

Repensando o Trabalho e os Sindicatos

"Realize o grande Sonho Chinês, construa uma sociedade harmônica", entoa um slogan do governo. A definição desse sonho e o determinação de quem pode reivindicá-lo são contestáveis. A evolução da consciência e da prática dos trabalhadores chineses, com o crescente apoio dos estudantes, acadêmicos e ativistas por direitos trabalhistas no país e no exterior, são centrais para mapear o futuro da China em uma economia globalizante.

Os trabalhadores da Jassic enfrentaram todas as adversidades na luta por dignidade e direitos políticos. Eles inspiraram seus colegas e jovens estudantes a realizar ações em comum. Em 20 de outubro, a Escola de Relações Industriais e Trabalhistas da ILR, no sigla em inglês), da Universidade Cornell, suspendeu um programa de intercâmbio de longa duração com a Universidade Renmin, sediada em Pequim, para evitar uma profunda preocupação com a flagrante repressão da universidade chinesa contra a participação dos estudantes nas campanhas de apoio aos trabalhadores da Jassic. Ex-alunos tais detalhes ou colocados em prisão domiciliar pelas "equipes abrangentes de administração social" dirigidas por autoridades em diferentes níveis.

Estudantes que foram "soltos" testemunharam ameaças de investigações e ações disciplinares, caso não abandonassem suas atividades. Suas liberdades, incluindo o uso do aplicativo de mensagens chinês WeChat e outras ferramentas de comunicação, foram significativamente restringidas.

O ataque às Organizações Estudantis

Ao iniciar um novo semestre acadêmico em setembro, as autoridades da universidade analisaram os registros, composição e objetivos organizacionais das sociedades marxistas e grupos de estudos maoistas da universidade de Pequim, Universidade de Ciência e Tecnologia de Pequim, Universidade Renmin e Universidade de Nanquim, para citar apenas alguma. A simples varredura nas associações estudantis de esquerda mostra a intolerância das autoridades com a nascente aliança operário-estudantil, uma inegável força de mudança social progressista.[18]

Qimin Xuehe, um grupo de estudos marxista existente há seis anos na Universidade de Ciência e Tecnologia de Pequim, estava prestes a fechar permanentemente a partir de 12 de outubro de 2019. A militância estudantil foi pressionada pelo comitê do partido na universidade a encerrar suas mobilizações. O resultado, no entanto, não será um silêncio mortal. Certamente, os jovens, um ativista estudantil garantiu que "o corpo" de sua organização poderia ser destruído pela cassação de registro nas mãos dos burocratas da universidade, sob as recém-alteradas "Regras de Administração das Sociedades Estudantis". Mas "o espírito" da busca por justiça social pelo grupo estudantil não morrerá.

Repensando o Trabalho e os Sindicatos

"Realize o grande Sonho Chinês, construa uma sociedade harmônica", entoa um slogan do governo. A definição desse sonho e o determinação de quem pode reivindicá-lo são contestáveis. A evolução da consciência e da prática dos trabalhadores chineses, com o crescente apoio dos estudantes, acadêmicos e ativistas por direitos trabalhistas no país e no exterior, são centrais para mapear o futuro da China em uma economia globalizante.

Os trabalhadores da Jassic enfrentaram todas as adversidades na luta por dignidade e direitos políticos. Eles inspiraram seus colegas e jovens estudantes a realizar ações em comum. Em 20 de outubro, a Escola de Relações Industriais e Trabalhistas da ILR, no sigla em inglês), da Universidade Cornell, suspendeu um programa de intercâmbio de longa duração com a Universidade Renmin, sediada em Pequim, para evitar uma profunda preocupação com a flagrante repressão da universidade chinesa contra a participação dos estudantes nas campanhas de apoio aos trabalhadores da Jassic. Ex-alunos tais detalhes ou colocados em prisão domiciliar pelas "equipes abrangentes de administração social" dirigidas por autoridades em diferentes níveis.

Estudantes que foram "soltos" testemunharam ameaças de investigações e ações disciplinares, caso não abandonassem suas atividades. Suas liberdades, incluindo o uso do aplicativo de mensagens chinês WeChat e outras ferramentas de comunicação, foram significativamente restringidas.

* Jenny Chang a professora assistente no Departamento de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Politécnica de Hong Kong. Ela também é vice-presidente do comitê de pesquisa sobre movimentos trabalhistas na Associação Internacional de Sociologia. Seu livro, Dying for an iPhone, Apple, Foxconn and the Lives of Workers (Pluto 2012), escrito com Mark Selden e Pun Ngai, baseia-se em em pesquisa de campo realizada por meio de infiltração clandestina em fábricas chinesas. A versão original desse texto, em inglês, esta disponível em Jassic Workers Fight for Union Rights", New Politics, Inverno de 2019, Vol. XVII, No. 2.

[1] O centro Dagongzhe Zhongxin colaborá há muito tempo com o Worker Empowerment, um grupo não-governamental de direitos trabalhistas de Hong Kong. Veja "Statement from Worker Empowerment", 2018. Ver também a declaração conjunta do Centro de Trabalhadores de Shenzhen Dagongzhe e da Worker Empowerment, intitulada "Liberte Fu Changguo Agora!", 2018. Para mais discussões, ver Tim Pringle e Anita Chan, "China's Labour Relations Have Entered a Dangerous New Phase, as Shown by Attacks on Jassic Workers and Activists", 2018; Elaine Hui e Eli Friedman, "The Communist Party vs. China's Labor Laws", 2018; uma série de artigos sobre "The Jassic Workers' Struggle in China" na revista Labour Notes, 2018.

[2] Xinhua, "Investigation on So-called Worker Incidents in Shenzhen", 2018.

[3] Zhao Yusha, "Chinese Workers Warned Against Foreign-funded Advocacy Groups", 2018.

[4] Desde 1 de julho de 2011, de acordo com a lei de Seguridade Social da China, os trabalhadores têm direito legal a cinco tipos de seguros (médico, acidente de trabalho, aposentadoria, maternidade e desemprego) e a um fundo habitacional (Neto para garantir que os trabalhadores poupem para comprar uma casa).

[5] Federação de Sindicatos da China, "ACFTU Marks 80th Anniversary", 2005.

[6] Zhan Lisheng, "Guangzhou: Hotbed for Rise of Unions Trade", 2006.

[7] Mingwei Liu, "Where There Are Workers, There Should Be Trade Unions': Union Organizing in the Era of Growing Informal Employment", em Sarosh Kuruvilla, Ching Kwan Lee, e Mary E. Gallagher, orgs., "From Iron Rice Bowl to Informalization: Markets, Workers, and the State in a Changing China", 2011, p. 157; Jenny Chan, Ngai Pun, e Mark Selden, "Chinese Labor Protest and Trade Unions" em Richard Maxwell, org., "The Routledge Companion to Labor and Media", 2016, p. 250-262; Anita Chan, org., "Walmart in China", 2011.

[8] "Number of Grassroots Trade Unions by Region (2016)" e "Trade Union Members in Grassroots Trade Unions by Region (2016)", 2017, p. 410-13.

[9] "Jassic Technology's corporate history (2005-present)", Jassic Technology.

[10] Tim Pringle, "Trade Unions in China: The Challenge of Labour Unrest", 2011, p. 162.

[11] Ver, por exemplo, Ching Kwan Lee, "Against the Law: Labor Protests in China's Rustbelt and Sunbelt", 2007; Yang Su e Xin He, "Street as Courtroom: State Accommodation of Labor Protest in South China", 2010, p. 157-84; Xi Chen, "Social Protest and Contentious Authoritarianism in China", 2012; Yanhua Deng e Kevin J. O'Brien, "Relational Repression in China: Using Social Ties to Demobilize Protesters", 2013, p. 533-52; Benjamin L. Liebman, "Legal Reform: China's Law-stability Paradox", 2014, p. 96-109.

[12] Chris King-chi Chan e Elaine Sio-leng Hui, "The Development of Collective Bargaining in China: From 'Collective Bargaining by Riot' to 'Party State-led Wage Bargaining'", 2014, p. 221-42; Dave Lyddon, Xiaoling Cao, Quan Meng e Jun Liu, "A Strike of 'Unorganised' Workers in a Chinese Car Factory: The Nanhai Honda Events of 2010", 2015, p. 134-52.

[13] Feng Chen e Xin Xu, "Active Judiciary': Judicial Dismantling of Workers' Collective Action in China", 2012, p. 87-107; Mary E. Gallagher, "Authoritarian Legality in China: Law, Workers, and the State", 2017.

[14] Research Committee on Labour Movements, "Scholars Demand the Shenzhen Government Release Jassic Workers Arrested for Attempting to Unionize".

[15] Action Network, "Global Call on China to Release Arrested Workers, Activists, and Students in Jassic Struggle", 2018.

[16] Ngai Pun, Yuan Shen, Yuhua Guo, Huilin Lu, Jenny Chan, e Mark Selden, "Worker-Intellectual Unity: Trans-Border Sociological Intervention in Foxconn", 2014, p. 209-22.

[17] Jenny Chan, "Shenzhen Jassic Technology: The Birth of a Worker-student Coalition in China?", 2018.

[18] Elizabeth Redden, "Cutting Ties", 2018.

← Previous Artigo

Leave a Comment

O seu endereço de email não será publicado. Campos obrigatórios marcados com *

Type here..

Name* Email* Website

Guardar o meu nome, email e site neste navegador para a próxima vez que eu comentar.

POST COMMENT »